

## 4

### **A continuidade: entrevista com os atuais curingas do Centro de Teatro do Oprimido**

O Teatro do Oprimido continua se desenvolvendo em resposta ao contexto histórico no qual está inserido. Essa continuidade tem sido feita pelos curingas do Centro de Teatro do Oprimido, que são os responsáveis pela pesquisa, divulgação, aprofundamento e promoção do método. Para responder as questões que eu levantei nessa pesquisa, a análise da obra de Boal é fundamental, mas não suficiente. É necessário compreender o pensamento e as perspectivas desses curingas. Meu objetivo não é comparar o que eles dizem com o que Boal escreveu, não é verificar se continuam *coerentes* e *fieis* ao mestre. Meu objetivo é conhecer o que está acontecendo com o Teatro do Oprimido, como ele está se desenvolvendo, quais são seus novos desafios.

De acordo com a pesquisadora em educação da PUC-Rio Rosália Duarte “métodos qualitativos fornecem dados muito significativos e densos, mas, também, muito difíceis de analisarem.” (Duarte, 2002: 151). Para a autora, é importante anteceder a fase da interpretação com uma consistente organização dos dados. Considerando essa necessidade optei por organizar os dados utilizando o software Atlas.ti, após entrevistar todos os atuais curingas do CTO, gravando suas falas em formato digital. Neste software, desenvolvido para pesquisas qualitativas baseadas em textos, áudios e vídeos, pude inserir os áudios das gravações, marcar trechos e relacioná-los a determinados assuntos, comparar os trechos marcados com o mesmo assunto e posteriormente transcrever as falas que figuram nesse capítulo. Assim, com o apoio do Atlas.ti, não fora necessário transcrever todas as falas uma vez que fora possível fazer marcações escritas diretamente no áudio, possibilitando sua análise direta.

As entrevistas foram realizadas em dezembro de 2010 no Centro de Teatro do Oprimido e cada entrevista durou cerca de uma hora e meia. Para realizá-las elaborei um roteiro com perguntas abertas (anexo III). Em cada entrevista busquei manter os objetivos essenciais, embora alterasse as perguntas de acordo com o retorno dado por cada curinga. Cabe destacar que a participação no Grupo de

Pesquisa do Cotidiano Escolar e Culturas (GECEC), da PUC-Rio, facilitou-me a elaboração do roteiro. Isto porque, uma das atividades de pesquisa do grupo foi justamente a elaboração de um roteiro de entrevista semi-estruturada. Assim, embora o tema de pesquisa do grupo seja diferente do meu, seu acompanhamento foi bastante produtivo para a realização do meu trabalho.

Segundo Duarte, “em situações de coleta de depoimentos orais, posturas mais formais do tipo ‘respostas diretas a perguntas idem’ não costumam produzir bons resultados e, quando acontecem, poucas vezes resistem às primeiras interrogações referentes a experiências de caráter pessoal. (Duarte, 2002: 146). Por isso, optei por realizar uma pesquisa com perguntas abertas que levassem o entrevistado a apresentar de forma mais ampla seus posicionamentos. Durante as entrevistas, busquei compreender o que a equipe do CTO pensa sobre o diálogo, a relação educador/educando, a construção do conhecimento no Teatro do Oprimido e a formação de novos curingas. O objetivo central foi construir um quadro do processo pedagógico no Teatro do Oprimido para poder refletir sobre a influência da Pedagogia do Oprimido e da maiêutica socrática, examinadas acima.

Quanto à escolha dos entrevistados, é importante ressaltar um ponto. Curinga é uma função indispensável no Teatro do Oprimido. Então, em qualquer lugar em que esteja sendo feito Teatro do Oprimido há alguém na função de curinga – ainda que provisoriamente. Existem “curingas” de TO espalhados pelos cinco continentes, em mais de 70 países. O diferencial entre os curingas do CTO e todos os demais é que Boal e eles se preocuparam, a partir de 1986, não apenas com a sua formação enquanto curingas de grupos de TO, mas também em pesquisadores e difusores do método. Foram eles, inclusive, que pesquisaram e sistematizaram junto com Boal a formação de novos curingas e a Estética do Oprimido. O CTO tornou-se, assim, o principal centro de pesquisa e difusão do Teatro do Oprimido no mundo, sendo referência internacional para todos os praticantes atuais de Teatro do Oprimido.

Os entrevistados foram os atuais oito curingas (quatro homens e quatro mulheres) do CTO. A maioria deles trabalhou com Boal desde antes de seu mandato como vereador do município do Rio de Janeiro. Todos possuem ensino superior, sendo que dois deles, os mais jovens, estão concluindo suas graduações entre 2010 e 2011. Dois deles cursaram pedagogia, dois ciências sociais, um comunicação social, um engenharia química, uma letras e uma ciências

biológicas. Sendo que três deles possuem pós-graduação. Cinco deles realizam outras atividades, sendo que apenas uma desenvolve atividades profissionais além do CTO. Possuem entre 25 e 55 anos de idade e 9 a 25 anos de prática de Teatro do Oprimido.

Cada curinga possui uma trajetória própria e diferenciada dos demais. Essa trajetória marca profundamente sua forma de pensar e realizar o Teatro do Oprimido. Mesmo que haja uma grande afinidade entre eles, não se tornaram um grupo absolutamente homogêneo, o que inclusive revela a liberdade de pensamento e ação que eles dispõem no CTO. Assim, a compreensão de suas trajetórias acumula informações sobre suas opções, interesses e perspectivas. Dessa forma, associar as informações pessoais às falas de cada um impede que a fala fique descontextualizada, deslocada de seu depoente, e possibilita que a investigação sobre o pensamento considere suas bases materiais, o ser humano concreto por trás daquelas ideias. Entretanto, são apenas oito pessoas, muito conhecidos por todos os praticantes de Teatro do Oprimido. Revelar suas trajetórias e características pessoais levaria qualquer pessoa próxima ao CTO a reconhecer a autoria de cada fala. Sendo assim, elaborei um “termo de autorização para uso das informações pessoais” que entreguei a eles por ocasião das entrevistas. Neste termo, questionei se eles preferiam e autorizavam que eu revelasse a autoria das informações dadas na entrevista, o que todos concordaram. Desta forma, assim como eu fiz na análise sobre Boal, quando eu citar as falas dos curingas utilizarei os nomes que eles utilizam no Teatro do Oprimido, ou seja, seus nomes reais ou artísticos. Abaixo segue um painel com suas informações pessoais.

<b>Curinga:</b>	<b>Tempo que pratica Teatro do Oprimido:</b>	<b>Quando entrou no CTO:</b>	<b>Idade:</b>	<b>Identidade étnica:</b>	<b>Formação:</b>	<b>Função atual no CTO:</b>	<b>Atividades fora do CTO:</b>
Alessandro Conceição	9 anos	2006	25	Negro	Graduação em Comunicação Social	Curinga	Curinga dos grupos de Teatro do Oprimido “Pirei na Cena” e “LiberArte”.
Claudete Félix	25 anos	1986	51	Negra e índia	Graduação em Letras – literatura brasileira e portuguesa e língua portuguesa	Curinga	Professora da rede municipal do Rio de Janeiro
Claudia Simone	25 anos	2003	43	Negra	Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Psicopedagogia	Curinga e coordenadora das oficinas nacionais	_____
Flávio Sanctum	16 anos	Por volta de 1998	34	Pardo	Graduação em pedagogia e Mestrado em Ciência da Arte	Curinga e coordenador de estágios no CTO	_____

<b>Curinga:</b>	<b>Tempo que pratica Teatro do Oprimido:</b>	<b>Quando entrou no CTO:</b>	<b>Idade:</b>	<b>Identidade étnica:</b>	<b>Formação:</b>	<b>Função atual no CTO:</b>	<b>Atividades fora do CTO:</b>
Geo Britto	20 anos	Por volta de 1993	41 anos	Branco	Graduação Ciências Sociais e Políticas	Curinga e coordenador de projetos	_____
Helen Sarapeck	20 anos	Por volta de 1993	42 anos	Brasileira	Graduação em Ciências Biológicas	Curinga e Coordenadora Geral	Movimento de proteção animal e preservação ambiental
Monique Rodrigues	13 anos	2006	25 anos	Caucasiana	Graduação em Ciências Sociais	Curinga	Curinga do grupo de Teatro do Oprimido "LiberArte".
Olivar Bendelack	20 anos	Por volta de 1993	55 anos	Amazônica	Graduação em Engenharia Química e pós-graduação em Engenharia de Saúde Pública.	Curinga e responsável pelo Teatro Legislativo	Movimento ambientalista

## 4.1 A formação de curingas

Atualmente, o curinga é o responsável por desenvolver artisticamente os integrantes do grupo, de forma que estes construam uma peça de Teatro-Fórum. Durante a sessão de Teatro-Fórum, ele dialoga com a plateia, estimulando que haja intervenções em busca da solução do problema e que os presentes manifestem suas opiniões sobre o tema da peça e as intervenções realizadas. Por conta dessas funções, considero que o curinga é o educador-chave do grupo de Teatro do Oprimido, opinião compartilhada pelos curingas do CTO segundo as entrevistas realizadas. Sendo ele um educador, é importante considerar como ele é formado para entendermos melhor as relações de ensino-aprendizagem no TO.

A sistematização de um programa de formação de curingas é bastante recente, iniciou-se por volta de 1998, com a estratégia de nevralgização do TO na sociedade brasileira. Nesse processo, os curingas do CTO e Boal organizaram cursos de formação de multiplicadores, ou seja, pessoas capazes de atuarem como curingas formando novos grupos de TO. Uma vez que foram os curingas do CTO que sistematizaram os programas e cursos de formação, eles próprios, evidentemente, não foram formados por este programa mais sistematizado. Flávio Sanctum, ao comentar sua formação em curinga, diz:

Só que ainda, na época, as coisas não eram tão sistematizadas como hoje. Eu não lembro, por exemplo, posso estar enganado, mas eu não lembro da dramaturgia [do Teatro-Fórum] por exemplo. Eu acho que, assim, existia mas não era tão a risca: “nós temos que ter isso, aquilo outro”. Não sei, de repente você pode perguntar para outros curingas que estiveram nessa fase. Eu acho, assim, uma estrutura mais organizada, até para uma formação de multiplicadores, foi a partir desses projetos, TO nas prisões, nas escolas, o pontão, que a gente começou a organizar mais. Porque antes as pessoas iam meio que fazendo e experimentando.

As informações sobre a formação dos curingas do CTO são relevantes pois o processo no qual eles se constituíram curingas, informou e influenciou o programa que eles criaram posteriormente.

Sete dos curingas iniciaram sua trajetória como atores de grupos populares de Teatro do Oprimido. Claudete Félix é uma das fundadoras do Centro de Teatro do Oprimido, iniciou sua trajetória com o TO atuando em um grupo dirigido por Boal no Plano Piloto da Fábrica de Teatro Popular, em 1986. Olivar Bendelack e Helen Sarapeck (atual coordenadora do CTO) iniciaram sua trajetória no

movimento ambientalista, no início da década de 1990, no qual foram convidados a participar de um grupo de TO que debateria questões ambientais. Geo Britto, quase na mesma época, começou a participar de um grupo de TO no Sindicato dos Bancários. Durante o mandato de Boal como vereador, os atores desses grupos se aproximaram e começaram a trabalhar juntos no mandato, iniciando-se nas funções de curinga. Um dos integrantes de um dos grupos formados durante o mandato, já “curingado”<sup>1</sup> por Helen Sarapeck, era Flávio Sanctum. Depois do mandato, o CTO desenvolveu um projeto de formação de grupos com a Fundação Ford. Nesse projeto, Flávio começou a atuar como curinga. Na mesma ocasião, outros grupos foram formados e em um deles Monique Rodrigues começou a atuar, ainda com 12 anos. Apenas Cláudia Simone não iniciou sua trajetória no TO como atriz de um grupo de TO. Ela aproximou-se da instituição através da participação em oficinas livres e da montagem de um grupo, no qual já atuava como curinga. Um dos atores desse grupo que ela formou em 2002 era Alessandro Conceição, que se tornou curinga pouco depois, no mesmo grupo e em 2006 entrou para o CTO.

Quando perguntados sobre sua formação como curingas, eles contaram-me sobre os primeiros grupos que atuaram e “curingaram”, lembrando também as oficinas e laboratórios que participaram com Boal. Afirmaram que foram se formando como curinga de forma muito gradativa, aprendendo e praticando aos poucos. “Principalmente observando os curingas [...] eu fui entendendo melhor o sentido do que é ser curinga. O que é isso” (Monique Rodrigues). Foram processos de aprendizagem muito práticos, nos quais a atuação ia modelando-os. Podemos observar isto na fala de Cláudia Simone, mas é recorrente na narrativa dos demais: “Olha, a minha formação para me tornar uma curinga foi muito através da prática, insistência e construção de uma história dentro do CTO”. Alguns curingas comentam também sobre uma formação mais teórica, de análise da sociedade. Essa formação, no entanto, se deu de forma mais voluntária, estimulada, é claro, pelo Teatro do Oprimido, mas não como tarefa regular das atividades do TO. Geo Britto esclarece que sua formação foi “um processo bem prático e teórico, mas não tão organizado quanto o prático, mas mais individualizado de leitura.” Alessandro Conceição valoriza a formação teórica

---

<sup>1</sup> No Teatro do Oprimido utiliza-se o verbo “curingar” para se referir as ações próprias do curinga.

mais ampla, mas também a apresenta como uma busca mais individual, estimulada pelo Teatro do Oprimido:

Mas a formação, além de você ler livros, estar sempre discutindo a temática, é fundamental você ter um grupo para trabalhar uma questão que você queira transformar e você mobiliza um número de pessoas que também queiram transformar, então você atua junto com elas. E para você se tornar um curinga isso é crucial. Sempre trabalhando, aplicando exercícios, entendendo a temática, estudando a temática, fazendo fórum, debatendo, pesquisando. Isso é fundamental. E claro que eu tive a oportunidade de participar também dos laboratórios aqui com os curingas do CTO, com Boal, o que facilitou bastante essa formação. E uma formação não só voltada para isso, mas, além disso, que é a nossa formação humana, como seres humanos. Em paralelo eu estava fazendo curso de jornalismo, comunicação social. E sempre que eu estudava, lia alguma coisa, eu fazia relação com o Teatro do Oprimido. Porque o Teatro do Oprimido é isso, a base está nas ações humanas. Então essa foi a minha formação. E continua sendo. Porque a gente está sempre em formação.

Assim, a formação da maioria dos curingas do CTO iniciou-se na participação como atores de grupos de Teatro do Oprimido, através da observação da prática de outros curingas, e, posteriormente, praticando a aplicação de exercícios e coordenando sessões de Teatro-Fórum. A formação dos curingas foi realizada, segundo os depoimentos, mais pela experiência. “Você se espelha naquela vivência” (Helen Sarapeck). Essa tornou-se, então, a base da formação de novos curingas. No entanto, de forma mais sistematizada e concentrada. Claudete Félix relaciona esses dois momentos:

A minha formação como curinga foi essa. Eu tive o prazer, a honra de ter a formação com Augusto Boal. Na verdade a formação, ela foi se dando como sempre. Você primeiro monta a cena, você apresenta, você percebe primeiro como funciona em você para depois você trabalhar isso com outras pessoas. A proposta é sempre essa. Não dá para você ser curinga se você não participou de uma cena. Ou você não entrou em cena, você não discutiu suas questões, você não fez [Teatro-] Fórum, você não participou na íntegra do Teatro Fórum. Aí, depois, a gente começa montando outros trabalhos, com outros grupos. Procurando praticar o máximo possível.

Dessa forma, embora os novos curingas recebam conhecimentos sobre o Teatro do Oprimido, sistematizados no programa de um curso, a formação do curinga deve acontecer na prática, na realização das atividades com um grupo.

Um pouco, não muito, mas a gente trabalha um pouco com a própria curingagem, para as pessoas conseguirem fazer essa interlocução com a plateia. Mas isso é muito na prática, só a pessoa montando um grupo, criando uma peça e fazendo

essas apresentações que ela vai ter a experiência das dúvidas para que venha a segurança no futuro. (Flávio Sanctum)

Segundo os depoimentos, para formar novos curingas, os curingas do CTO e Boal sistematizaram um programa que inclui um primeiro momento (geralmente com carga horária de 40 horas), no qual os futuros curingas participam como atores. Eles experimentam e vivenciam a montagem de uma cena. Depois dessa formação inicial, eles vão formar os seus grupos, vão reaplicar os exercícios e jogos que conheceram e experimentaram. Começam, então, a montar uma cena de Teatro-Fórum e voltam para uma segunda etapa do curso de formação, geralmente com mais 40 horas. Nessa etapa, eles terão a oportunidade de aprofundar o conhecimento que tem do TO, levando suas dúvidas, os limites e possibilidades que encontraram para serem debatidos pelo grupo. Nessa etapa, conhecem também mais exercícios e jogos, a Estética do Oprimido e todos participam da montagem da cena de um grupo formado por um dos futuros curingas. Todos voltam para o seu grupo e acabam de montar as cenas, apresentam e curingam a sessão de Teatro-Fórum. Durante os momentos em que os futuros curingas estão atuando no grupo, os curingas do CTO fazem visitas, acompanham seu trabalho e organizam diálogos teatrais entre os grupos montados de forma que um grupo possa conhecer, contribuir e aprender com o trabalho do outro. A partir do momento que eles montam e apresentam cenas de Teatro-Fórum são considerados pelo CTO “multiplicadores”, pois foram capazes de conhecer e tornar conhecido para outras pessoas os elementos básicos do TO. Com a experiência, mantendo o grupo, montando outras cenas e estudando, este multiplicador vai tornando-se curinga, ou seja, passa a dominar com mais segurança e autonomia a prática e a teoria do TO, podendo formar, inclusive, novos curingas.

Segundo os curingas entrevistados, durante o curso de formação, o “multiplicador” conhece as regras básicas necessárias ao curinga e adquire o conhecimento sobre as características fundamentais para essa função através da observação de como os curingas do CTO se comportam e o que eles fazem durante o curso de formação.

Não tem uma orientação pedagógica de “vamos sentar agora e vamos ver”. Mas tem uma coisa que eu faço em cursos de formação, quando dá tempo. Normalmente a gente faz nesses assim, de programa mínimo de um ano. Eu faço sempre porque eu acho muito legal e é super simplesinho. Você pega um papel,

senta o grupo. Depois que eles já fizeram bastante curso 1, lá pelo curso 2<sup>2</sup>, você senta e fala “vamos botar agora e vamos começar”. Eles vão começar a curingar a cena. Então bota o papel branco na parede e pergunta: “O que para vocês é um curinga? O que é que tem que ter um curinga?” Mas ou menos o que você já me perguntou. Ai eles vão, sem a gente... Porque a gente vai falando no meio do curso, foi preenchendo ele de um monte de coisas. E eles vão falando uma porção de coisas. Ele fala que tem que ser investigativo, tem que ser pedagógico, falam que tem que ser atencioso, tem que ser educado, aparece umas palavras ótimas, simpático, aparecem umas palavras ótimas, sincero, tem que ser, como é que é... politizado, tem que entender de vários assuntos. Então isso é super legal, porque o cara já sabe o que na verdade é ser um curinga, ele só precisa vivenciar. Vai precisar, depois colocar na experiência dele de vida. Mas ele já sabe, aí a gente vai pondo no papel. (Helen Saraeck)

Ainda sobre o processo de formação, eu questionei os curingas sobre as características que uma pessoa deve ter/desenvolver para tornar-se curinga. Todos enfatizaram a vontade, o interesse e a curiosidade, o desejo de investigar em busca da transformação:

Você está sempre fomentando, sempre trazendo coisas novas, mesmo uma notícia de jornal, seja um tema que é pertinente ao grupo e que, de repente, entrou em voga na mídia, ou algo que estava esquecido, e sempre questionando por que a gente está fazendo isso. (Alessandro Conceição)

O curinga precisa ser um investigador, uma pessoa que quer sinceramente descobrir alguma coisa junto com aquele grupo, junto com aquele núcleo de pessoas. Investigar o que aquelas pessoas estão querendo. E usando para isso a sinceridade, com ética e solidariedade, todo aquele pilar que a gente tem na base da árvore do Teatro do Oprimido. (Helen Saraeck)

[...] para tudo você tem que ser um educador popular, no sentido de que se eles te perguntam alguma coisa que não tenha nada a ver com Teatro do Oprimido, como é que você pode ajudar essa pessoa? [...] Se relacionar, trazer sempre as coisas que estão acontecendo ao seu redor, não ficar só no seu grupo, no mundo do seu grupo. Mesmo que seja um grupo de negros, e já estejamos falando sobre racismo, [é importante] saber o que está acontecendo a volta da sua comunidade, do seu país do mundo, ter esse permanente diálogo com as coisas que estão acontecendo no mundo e com a temática específica deles também, claro. Mas não deixar que uma coisa seja separada da outra. Acho que é um pouco isso. E não ser paternalista, eu acho que você tem que cobrar e criar desafios. (Geo Britto)

Segundo os entrevistados, a formação do curinga se dá pela observação da atuação dos curingas do CTO e da prática com o grupo. No entanto, a investigação, a pesquisa e o estudo de outras fontes e temas, embora sejam importantes no trabalho do curinga, não estão inclusas, de forma sistematizada,

---

<sup>2</sup> Helen se refere à segunda etapa de 40 horas do curso de formação de curingas.

em seu programa de formação. Como afirmou Helen Sarapeck, no curso de formação a pesquisa "vai ficar só no estímulo. [...] Num curso, não dá tempo. Você orienta, assim, dessa forma que a gente está falando, estimulando, botando corda." Geo Britto, após valorizar expressivamente a participação orgânica dos conhecimentos gerados em áreas como a história, a filosofia, a política, afirma que sempre estimula que os curingas em formação estudem esses conhecimentos.

E eu sempre procuro estimular. Por exemplo, quando você mostra a *Árvore*, você marcar, quando você fala de cada galho, da imagem, do som, da palavra, você fala das raízes, tem lá a filosofia, a política, a estética, a história. Quer dizer, eu acho que você tem que estar estimulando o tempo todo. Você não pode chegar e dar *O Capital* para o cara no meio da oficina. Isso não, ia ficar meio complicado. Mas eu acho que você tem que estar sempre estimulando as pessoas a estarem sempre estudando alguma coisa, estar sempre colocando que o Teatro do Oprimido é um teatro como política. (Geo Brito)

Claudia Simone esclareceu sobre uma das estratégias de estímulo à investigação dizendo:

Uma coisa que a gente tentou fazer muito, mas que ainda não funciona muito bem são as discussões on-line. Porque os grupos de discussão deveriam ser esse grupo de formação, também pela internet. Quanto mais debate, mais troca a gente tiver através dos grupos que a gente cria para cada projeto seria uma possibilidade de fomentação, discussão política e discussão da prática do Teatro do Oprimido e da teoria do Teatro do Oprimido. Mas não aconteceu.

O Teatro do Oprimido é um método orgânico, bastante complexo. No curso de formação busca-se formar em multiplicador uma pessoa que talvez nunca tivesse ouvido falar em Teatro do Oprimido. Há assim, muito conteúdo prático, jogos, exercícios, ensaios, técnicas, que precisam ser ensinadas durante o curso de formação, para que a pessoa saia dali com uma bagagem mínima para reaplicar em seu grupo. Nesse sentido, o que Helen fala é muito coerente: "Num curso, não dá tempo". Mas isso coloca uma questão. Os curingas do CTO, em geral, foram formados participando durante meses ou anos de um grupo de Teatro do Oprimido, participando de pesquisas e investigações estimuladas pelo curinga do grupo. No entanto, os multiplicadores não têm essa experiência. Eles participam de um curso, no qual uma peça é montada a partir apenas da investigação do que cada um pensa sobre aquele assunto. Não há tempo para nenhum tipo de pesquisa em livros, jornais, revistas, sites, etc. sobre aquele assunto. Então, o futuro

curinga, que deve aprender pela observação, tem acesso apenas a uma montagem rápida da cena, com algum debate, mas nenhuma pesquisa.

Se os curingas do CTO foram formados a partir de uma prática já sistematizada e um estudo teórico buscado tanto individualmente quanto fomentado pelo curinga do grupo, os cursos de formação atuais tem pouco espaço dedicado à teoria e à investigação profunda do tema. Claro que há multiplicadores que quando entram no curso de formação de curingas já possuem características para valorizar a investigação e já se interessam pela análise ampla e aprofundada da realidade e relacionam isso com TO. Mas, isso não é, pelo que pude perceber, o caso de todos. E, o programa do curso ensina, pela vivência, que uma peça de Teatro-Fórum é montada a partir da opinião e do que as pessoas, naquele instante, sabem sobre aquele assunto.

## 4.2

### **A importância, a função e como o diálogo se realiza no Teatro do Oprimido atualmente**

Embora houvesse, no roteiro da entrevista, uma pergunta específica sobre o diálogo, todos os curingas falaram da importância e da função do diálogo no Teatro do Oprimido antes que eu chegasse à pergunta. Isso revela como o diálogo realmente ocupa uma posição central na concepção do Teatro do Oprimido. “O diálogo é fundamental. Quando a gente dialoga verdadeiramente a gente pode falar, pode escutar e aí pode pensar, refletir e agir” (Alessandro Conceição).

Pareceu, de certa forma, impossível aos entrevistados responder sobre a função do curinga e as relações pedagógicas do TO sem falar sobre o diálogo. E esta é, pelo que pude verificar, a característica do TO mais valorizada pelos pesquisadores que se ocupam das questões pedagógicas desse teatro. Na investigação da obra bibliográfica de Boal pude constatar que o diálogo, tal como proposto por Freire, não pode ser entendido como a única referência do TO. Nesta parte da pesquisa buscarei entender a perspectiva de diálogo que embasa a concepção dos curingas do CTO, mantendo em mente às concepções freireana e socrática.

Um aspecto interessante do diálogo no Teatro do Oprimido revelado pelos curingas é que ele não acontece apenas verbalmente. As atividades artísticas, como jogos e pinturas, são entranhadas pelo diálogo, o que extrapola tanto a perspectiva socrática quanto a freireana, vai além:

O diálogo está no fórum, também está nas oficinas, o diálogo também está quando a gente faz a estética. Quando eu pinto um quadro falando da sua declaração de identidade a gente está dialogando. Eu estou dando a minha opinião sobre você. Opinião sensível e simbólica. Sensível porque eu pinto ali uma coisa e ou você se identifica ou você rejeita algo que eu vi através da minha sensibilidade. Então, é o diálogo através da dança, do teatro, da pintura, da escultura e da poesia. No Teatro do Oprimido ele se dá através de todas as artes. (Cláudia Simone)

Outro ponto interessante que alguns curingas levantaram é a função do diálogo no Teatro do Oprimido. Para Cláudia Simone, por exemplo, “o diálogo busca possibilidades coletivas”. No mesmo sentido, para Flávio o diálogo é o objetivo principal, para transformação da realidade. Para Helen, o diálogo é a investigação da história, do tema da peça em busca de uma solução para o problema apresentado. Assim, o diálogo aparece com o objetivo concreto de transformação da realidade. Além disso, como afirmou Olivar, o próprio TO é um instrumento de promoção do diálogo, pois abre um espaço altamente democrático de debate. Para Geo,

O diálogo é quando se tem duas pessoas, dois grupos, duas entidades dialogando, conversando em condições iguais. Não é igual ao que o pessoal fala: -‘Ah, os patrões e os empregados vão dialogar’. É totalmente diferente. Você tem o patrão que tem um poder e os empregados que tem um outro tipo de poder. O patrão tem o poder de demitir e os empregados não tem o poder, teoricamente, de demitir o patrão. Então aqui não é um diálogo igual.

Assim, os curingas consideram que o diálogo deve acontecer para a transformação da realidade e necessita da destruição da desigualdade de poder para existir. Nesse sentido, podemos perceber que há uma grande aproximação entre o pensamento de Freire e o do TO ainda hoje.

No Teatro do Oprimido, segundo os curingas do CTO, a relação entre curinga (educador) e o grupo de atores (educandos) inicia-se, também, com o diálogo sincero, que deve permanecer ao longo do processo. Neste momento inicial, o curinga, além de já atuar na ampliação da sensibilidade corporal e artística através de jogos e exercícios, incentiva que os atores populares contem

suas histórias de opressão. Pode-se dizer que este momento equivale a “investigação temática” proposta por Freire em seu processo educativo. Após este momento, inicia-se a montagem da peça de Teatro-Fórum, no qual o curinga deve incentivar a pesquisa sobre o tema, ampliando a percepção que o grupo tem dele, investigando sua estrutura e sua causa. O próximo momento no qual o diálogo é fundamental é na apresentação da peça de Teatro-Fórum, quando o curinga tem a responsabilidade de coordenar e estimular o debate com a plateia.

Mas, como acontece, na prática, o diálogo entre curinga e plateia na sessão de Teatro-Fórum? Nessa questão, as opiniões dos curingas são mais variadas, ainda que próximas, possuem sutilezas que as diferenciam. Essas diferenças devem ser consideradas, pois todas são válidas para se compreender o Teatro do Oprimido. Nesse caso, haver diferenças não quer dizer que alguém está certo e os outros necessariamente equivocados. Se, no capítulo anterior, investiguei o pensamento de uma pessoa, Augusto Boal, agora investigo este pensamento revisitado por oito sujeitos diferentes. Oito pessoas formadas pelo próprio Boal, responsáveis pela pesquisa, manutenção, desenvolvimento e difusão do Teatro do Oprimido no mundo. Sendo assim, as perspectivas que elas apresentam são oito perspectivas possíveis e válidas para a realização do Teatro do Oprimido. As diferenças entre os pontos de vista de cada um serão entendidas nesse trabalho como possibilidades ou “variações” do próprio Teatro do Oprimido.

Para Alessandro, o curinga deve sempre estimular o debate e deve se posicionar junto com os demais. Para ele, o curinga deve ter cuidado para não induzir as respostas, mas considera que, às vezes, isso é feito de forma a produzir algum debate “Às vezes você induz uma resposta, mas sempre com um propósito, né? Por que você induz aquela resposta? Porque dali, talvez, surja uma discussão”. Alessandro afirma em seguida que esse tipo de intervenção do curinga deve ser evitada. Mas, considera que o curinga não deve cair para o lado oposto e tentar ser imparcial, pois, “o curinga deve sempre ter a opinião dele. Ele não é isento. Ele está ali, defendendo uma certa temática, já é parcial. Ele já tende ao que ele quer. Quando ele discute aquilo ele quer alternativas para aquela situação.” E para lidar com falas que buscam perpetuar as opressões, o curinga precisa se posicionar estimulando o debate. Nesses casos, a “omissão é pior do que a intromissão demais. Curinga tem que ser intrometido sim, ele pode até falar, jorrar o conhecimento dele... ‘gente, porque a lei... porque assim’... jorra! Tem

que ser chato, às vezes. Até dizem: ‘Nossa como aquela pessoa fala, né? [...]’. Mas que ele não seja omissivo nunca. Que ele não deixe a coisa passar assim.”

Para Claudete Félix, o diálogo durante o fórum acontece para fazer as pessoas refletirem depois dele, pensarem o que elas querem. E o curinga deve buscar limitar sua intervenção no debate pela ética. Ou seja, quando a plateia apresenta uma perspectiva preconceituosa ou anti-ética, o curinga deve intervir buscando desfazer esse preconceito. O “curinga pode fazer intervenção sim, ele pode direcionar” tanto a plateia quanto os atores do grupo. Essa intervenção deve se dar na forma de perguntas, questionando se todos concordam com aquela situação, com aquela fala. “Mas é claro, dentro do possível, o curinga tem que ser o mais íntegro e o mais neutro que ele conseguir”. Essa neutralidade deve ser buscada para deixar a plateia o mais livre possível para expressar-se. A opinião do curinga, para Claudete, só deve ser apresentada, se for necessário, depois que as pessoas da plateia tenham se expressado. “Como curinga não posso colocar a minha opinião antes de ouvir vocês. Até posso colocar a minha opinião, depois que eu ouvir as pessoas.”

Para Claudia Simone, o diálogo é necessário para criar relações coletivas, rompendo com o individualismo. Na sessão de Teatro-Fórum, o curinga tem que saber dar a opinião dele sem impor. “O curinga não é uma pessoa neutra, isso eu também aprendi com o tempo. O curinga tem a opinião dele. No momento do fórum, ele tem que saber dar a opinião dele, mas sem impor a opinião dele. Aí esse é o processo do diálogo e da maiêutica, fundamental para o trabalho com o grupo e no diálogo com a plateia”.

Segundo Flávio Sanctum, o curinga deve estimular a plateia a descobrir caminhos, sem impor. Deve ficar questionando, estimulando as pessoas a aprofundarem as questões, entendendo as consequências das intervenções e falas da plateia. Isto é, quando alguém fizer uma fala ou uma intervenção preconceituosa ou anti-ética, o curinga não deve condenar aquela intervenção mas deve questionar a própria plateia sobre as consequências daquela atitude. E as pessoas refletirão sobre as consequências, avaliando se aquilo é válido ou não para elas.

Para Geo Britto, durante o fórum o curinga deve se colocar, mas não com a resposta definitiva, a verdade. “O curinga não é neutro, mas também não é parcial demais. Ele não pode defender o seu ponto de vista como se fosse a verdade. Ele

vai dialogar com a plateia”. Ele pensa esse diálogo como saber provocar nas pessoas a reflexão sobre o que o curinga pensa. Se ele impõe, condena e diz que é assim, não leva a plateia a refletir, pois assim ela pode inclusive repelir as ideias do curinga. Para Britto, o curinga não dialoga como o repórter que quer apenas confirmar o que ele pensa. O curinga deve buscar fazer perguntas abertas. E participar desse debate, também. O curinga pergunta, ouve e fala. O curinga deve colocar sua opinião levando a reflexão da plateia. Assim, para Geo Britto, a opinião do curinga é uma condição para o diálogo. Como exemplo de manifestação da opinião do curinga que leva a reflexão, Geo contou uma situação em que ele curingava uma peça sobre o preconceito vivido por um homossexual. Logo no início do fórum alguém da plateia afirmou: “Eu acho que quem é oprimido é o pai, porque o filho dá o cu”. E Geo questionou a plateia: “Então vocês acham que quem deve definir o que você deve fazer com o seu próprio corpo é uma outra pessoa?” E as pessoas começaram a intervir no lugar do filho. Nesse caso, ele fez um questionamento que tirou a questão do particular (o homossexual na peça) e jogou para o universal (o corpo de qualquer pessoa). Como ninguém queria ter o próprio corpo controlado por outra pessoa, o questionamento feito por Geo levou as pessoas a perceberem que elas só concordavam com o controle do corpo por outra pessoa no caso dos homossexuais, o que revela o preconceito, a discriminação.

Para Helen Sarapeck, a participação do curinga no debate não é um problema quando é necessária para responder alguma fala preconceituosa, tornando-se fora desse caso desnecessária. “Às vezes, não dá e você não pode se calar quando você ouve uma coisa que não está certa. Como a gente sempre falou, o curinga não pode ser neutro. Neutro não existe”. Para Sarapeck, um curinga experiente, com bagagem política e características pessoais interessantes para seu trabalho não terá problemas com o quanto e como deve intervir. Sempre que sentir necessidade de falar irá falar, sem bloquear a plateia. Mas quando a plateia apresenta uma boa diversidade de pontos de vistas, quando um responde ao outro não é necessário que o curinga responda, dando sua opinião. “Fica só na maiêutica”, perguntando o que cada um acha e o diálogo vai acontecendo dentro da plateia. “Se a própria plateia responde, é o ótimo. Você fica só ali de mediador, o que é o perfeito. Oh, o diálogo acontecendo e você está só ali.” Assim o curinga

deve estar preparado e deve buscar desenvolver sua opinião, não deve querer ser neutro, pois, se for necessário, ele deverá mostrar seu ponto de vista.

Para Monique Rodrigues, o curinga precisa reconhecer que não pode ser neutro. “A gente nunca é neutro. Essa pretensa neutralidade não existe. Então, o tempo inteiro você tem um posicionamento. O fato de você está lá apresentando uma cena já demonstra um certo posicionamento político.” Mas, para ter o debate, a primeira coisa que o curinga precisa desenvolver é a escuta, aprender a ouvir antes de falar. Depois precisa saber estimular as pessoas a falarem. Antes de falar ele precisa estar sinceramente disposto a entender o ponto de vista, ainda que preconceituoso da outra pessoa. “Agora, a partir da sua experiência pessoal e a partir do que a pessoa traz, que pode não ter muito a ver com a proposta que o grupo quer, eu acho que você pode dar o seu ponto de vista sim. Você pode trazer um pouco da sua própria experiência”.

Olivar apresentou uma perspectiva bastante próxima a da Helen, ou seja, a participação do curinga deve ficar condicionada a falta de resposta da própria plateia a um posicionamento preconceituoso.

Já aconteceu com alguns de nós, comigo também, de você estar lá curingando e alguém faz uma colocação racista ou preconceituosa e se a plateia – você estimula a plateia dizendo ‘oh, vocês concordam?’ – não se posiciona o curinga tem o dever de se posicionar dizendo ‘mas isso que ele está falando eu entendo como preconceito racial, ou preconceito, seja lá o que for. O quê que vocês acham? Oh, tem uma lei, tem uma lei agora. É crime agora’. Então se o curinga sabe isso ele vai proporcionar um debate mais rico.

Cabe destacar, que Olivar procura destacar o seu pensamento, de curinga, como uma opinião entre as demais questionando o que os outros acham de sua opinião.

É possível notar, através das falas dos curingas, que todos concordam plenamente que a função do curinga na sessão de Teatro-fórum é estimular o diálogo, principalmente incentivar que as pessoas se expressem. Mas há algumas diferenças na concepção sobre o quanto o curinga deve inserir-se e participar do debate. Alguns deles, como já apresentei, consideram que o curinga deve sempre expressar sua opinião, pois ela é fomentadora do debate. Ou seja, sua opinião não entra como a resposta final e definitiva, mas ela deve ser colocada como lenha para a discussão e como elemento reflexivo. Outros pensam que o curinga deve colocar sua opinião apenas quando alguém traz um posicionamento

preconceituoso e/ou anti-ético (como matar um opressor não-antagônico, como o pai ou o marido). Dentro dessa situação, há dois posicionamentos distintos. Há aqueles que defendem que a perspectiva do curinga, nesse caso, só deve ser colocada caso mais ninguém apresente um ponto de vista diferente, mas antes de colocá-la o curinga deve estimular ao máximo a própria plateia. Caso alguém apresente um posicionamento diferente, a situação finalizaria-se da melhor forma possível, sem que o curinga precisasse se colocar. Por outro lado, também houve a defesa que o curinga, nesses casos, deve colocar sua opinião, mas somente depois que a plateia já tenha se expressado.

Esses testemunhos aproximam um pouco mais a perspectiva de diálogo do Teatro do Oprimido do método socrático do que o que fora verificado na própria leitura da obra de Boal. Afinal, todos os curingas defendem que o pensamento preconceituoso e anti-ético deve ser destruído, tal como Sócrates defendia que o senso comum deveria ser eliminado através do processo da ironia. Embora se aproxime um pouco essa aproximação não é total, pois o incômodo apresentado pelos curingas do CTO não se estende a qualquer fala que não vá além das aparências, que não revele o estrutural, ou que se baseie numa visão mítica da realidade. Cabe destacar que a pergunta que levou a essas respostas era: “Para você, como é o trabalho do curinga durante a sessão de Teatro-Fórum? Qual o seu papel? Como ele deve agir? Até que ponto ele deve ou não intervir no debate? Conte um caso, um exemplo. Como fica a indução? Como você lida com isso?”. Eu não questionava o que o curinga deve fazer quando alguém da plateia faz uma fala preconceituosa. Mas até que ponto o curinga deve intervir. Quando algum limite foi defendido, esse sempre era o preconceito e a falta de ética.

Outro aspecto que distancia a perspectiva de diálogo dos curingas do CTO da perspectiva socrática é a defesa das perguntas abertas. Como vimos, Sócrates direcionava seu interlocutor a todo o momento com perguntas fechadas. No entanto, em diversos momentos os curingas afirmam que “quando o curinga faz uma pergunta fechada, na verdade, ele está direcionando naquilo que ele quer. ‘Ah, o que ele fez foi muito legal, não foi?’ ou ‘O que vocês acharam do que ele fez?’ é bem diferente” (Geo Brito).

A perspectiva de “maiêutica” apresentada pelos curingas do CTO não traz novidades frente à perspectiva defendida por Boal, ou seja, como “método socrático de chegar a uma conclusão através de perguntas” (Alessandro

Conceição). “Maiêutica é você, através de questionamentos, instigar as pessoas a falarem o ponto de vista delas sobre aquela questão” (Flávio Sanctum). De acordo com Helen Sarapeck,

Para eu poder realmente ouvir o outro eu tenho que deixar ele falar. E para eu deixar ele falar, para estimular ele a falar a gente usa a maiêutica, para dar um estímulo. Porque, às vezes, o cara não fala, por vários motivos. Então eu tenho a função, enquanto curinga, minha função pedagógica, de estimulá-lo. Estimulá-lo usando a maiêutica socrática: ‘então? E aí?’. Devolvendo a pergunta, não trazendo as respostas prontas. Se eu trago todas as perguntas prontas eu não estou dialogando, eu estou monologando.

Assim, como fez também Boal, os curingas do CTO se apropriaram da “maiêutica socrática” como uma ferramenta, fora de seu método orgânico. Uma ferramenta que possibilita a realização de um diálogo no qual o curinga se esforça para não dar nenhuma resposta, nem ao menos direcionar, mas apenas provocar a reflexão.

Quanto à perspectiva freireana, apesar das proximidades que já foram apresentadas nesse tópico, há pontos de distanciamento. O diálogo é apresentado por todos os curingas como uma relação “eu-tu”, sem ser mediatizado pelo objeto a ser investigado. Para Freire, o objeto a ser conhecido sempre tem o papel de fazer a mediação entre educador e educando. No entanto, em algumas falas do curinga o conhecimento dos oprimidos (educandos) é, de certa forma, supervalorizado, afastando tanto o conhecimento do curinga (educador) quanto o próprio objeto a ser conhecido. Em uma sessão de Teatro-Fórum principalmente, mas também em uma oficina de Teatro-Fórum, investiga-se o que as pessoas pensam sobre aquele tema, mas não o próprio tema. O diálogo, para os curingas do CTO, acontece entre pessoas, grupos, instituições, mas baseia-se no que cada um pensa, o objeto parece não fazer parte diretamente do diálogo. Além disso, no Teatro do Oprimido o educador (curinga) não precisa, necessariamente, participar do diálogo. O diálogo pode acontecer somente entre os educando, no qual o curinga é “apenas” um facilitador desse debate. Para o Teatro-Fórum acontecer, dentro das possibilidades legitimadas pelo CTO, o curinga não precisa participar como sujeito do diálogo, mas deve preparar-se para participar, caso seja necessário.

Perguntados sobre a relação entre o TO e a Pedagogia do Oprimido, todos entrevistados situaram a origem em comum, sendo que alguns colocaram também

o trabalho que Boal e Freire realizaram em parceria no Peru, em seus exílios. O aspecto filosófico mais ressaltado é o ponto de partida, na realidade das pessoas, e o ponto de chegada, uma sociedade sem opressões. Claudete, Geo e Cláudia destacaram também a importância, na pedagogia de Freire, da alfabetização ampla, na leitura do mundo. Sendo que o Teatro do Oprimido participa dessa alfabetização, não das letras, mas da compreensão do mundo em que se vive. “Paulo Freire trabalha com a alfabetização literária e nós com a alfabetização estética” (Geo Britto). Do ponto de vista metodológico não apontaram nenhum aspecto, o que reforçaria que a Pedagogia do Oprimido tem uma origem em comum com o Teatro do Oprimido, alguns de seus objetivos são muito próximos, mas não é a prática pedagógica, a relação de ensino-aprendizagem proposta por Freire que embasa o TO. No caso, os curingas apresentaram principalmente a “maiêutica” como ferramenta metodológica de realização do diálogo.

#### **4.3**

#### **A busca e a construção de conhecimento no Teatro do Oprimido**

Como já apresentei, no método socrático, a busca pelo conhecimento significa a busca pela verdade, única e universal, que só pode ser alcançada após a destruição da percepção baseada no senso comum, constituído pela experiência e opiniões. Ou seja, após convencer seu interlocutor a dialogar, Sócrates estimula-o a expor seu “conhecimento” e a concluir que este conhecimento é falso e/ou insuficiente. Já na perspectiva freireana a busca pelos conhecimentos é necessária para a libertação dos oprimidos e significa acessar informações já produzidas e produzir novos conhecimentos através do diálogo, que inclui a investigação coletiva do objeto a ser conhecido. Na Pedagogia do Oprimido, Freire afirma que a primeira etapa da relação de ensino-aprendizagem é o diálogo sincero, no qual o educador investiga o cotidiano dos educandos. Daí o educador sistematiza temas geradores para que o grupo de educandos escolha qual será o tema investigado. O educador, deve estar preparado para dialogar com os educandos sobre aquele tema, conhecendo profundamente o assunto e onde deseja chegar. O educador, já tendo conhecido o tema, abre-se para reconstruir esse conhecimento junto com os educandos, abrindo-se inclusive para a possibilidade de descobrir, junto com os educandos, que o conhecimento que possuía era equivocado.

Assim como na pedagogia de Freire, no Teatro do Oprimido também busca-se acessar e construir conhecimento em busca da libertação, do fim das opressões. Mas, como se busca e se constrói os conhecimentos no TO? No Teatro do Oprimido, a primeira etapa é o contato do curinga com o grupo, no qual ele propõe os primeiros jogos corporais e artísticos. Ainda nesse primeiro momento, o curinga propõe a contagem de histórias de opressão vividas pelos integrantes do grupo. “O diálogo é a base. Porque quando o grupo conta as histórias, porque é a partir das histórias do grupo, é que vai ter uma cena. Então, quando você, curinga, chega a esse ponto de fazer com que as pessoas contem suas histórias é porque elas confiam plenamente no curinga e no grupo para poder dialogar” (Alessandro Conceição). Nesse momento o grupo e o curinga conhecem as histórias de opressão daquele grupo, histórias nas quais a pessoa desejava muito uma coisa mas não conseguiu porque uma outra pessoa (ou grupo de pessoas) a impediu.

Após a contagem das histórias, o curinga inicia a montagem da cena de uma história escolhida pelo grupo. Pelo que todos os curingas afirmaram, durante essa montagem é importante que o curinga busque conhecer aquele tema mais a fundo.

[...] O curinga tem que ter esse desejo político de investigar esse tema, essas pessoas, para daí conseguir chegar na transformação, que é a ação concreta tão almejada no topo da árvore. Enfim, acho que essa é a base do curinga. [...] Ele tem que ser um cara que tenha esse desejo de cutucar a coisa. Eu vou para aquele grupo, eu não vou montar uma cena: ‘\_Ah, você quer falar sobre o quê?’, ‘\_Sobre o esgoto que está passando na rua’. ‘Ah, ótimo. Vamos montar uma peça sobre o esgoto que está passando na rua.’ Não. Ele tem que ir lá: ‘\_O esgoto está passando na rua? Onde? Aqui na frente? Porque esse esgoto incomoda tanto as pessoas?’ ‘\_Ah, porque causa doença no cachorro, o cachorro passa para a criança, que passa para a velhinha. Porque quando você passa na rua, quando pula respinga’. O que acontece? Onde está o problema maior? Esse esgoto vem da onde? O que é que está causando aquilo?’ ‘\_Ah, tem uma fábrica lá.’  
Eu acho que toda a investigação, desde: da onde veio aquele problema, porque ele incomoda tanto aquelas pessoas e tentar... como é que a gente chega na solução desse problema? Que provavelmente não está ali no esgoto, está numa coisa muito maior, numa escala bem maior. (Helen Sarapeck)

E eu acho que é fundamental você estudar também. O quê que daquela realidade já se escreveu, já se produziu a respeito. Eu acho que quando você também tem esse arcabouço teórico, para além do Teatro do Oprimido, isso lhe dá uma possibilidade de investigar e de ter uma capacidade de sensibilização muito maior do que quando você vai cru e chega lá com o Teatro do Oprimido e dá uma oficina. (Monique Rodrigues)

No entanto, enquanto na Pedagogia do Oprimido o conhecimento prévio do educador é condição *sine qua non* para a realização do diálogo, no TO o conhecimento prévio e a investigação do tema é algo interessante, que deixa a ação do curinga mais rica, mas não é algo fundamental.

Mas, claro, eu também não acho que seja fundamental, acho que se você chega só com o Teatro do Oprimido você vai fazer um trabalho, a partir do que a cena vai apresentando você vai poder ter um processo de reflexão, enfim. (Monique Rodrigues)

Você pode não saber de nenhum tema, mas você vai conseguir desenvolver aquela técnica. (Helen Sarapecck)

Podem parecer incoerente que uma metodologia teatral tão explicitamente política pode acontecer sem que o curinga ou o grupo investiguem profundamente o tema, o que já se sabe sobre o assunto, ou seja, que o curinga possa desenvolver uma reflexão baseada na técnica. Mas, a justificativa para este aspecto assenta-se na possibilidade de investigar-se o que as pessoas sabem ou o que elas pensam, mas não a realidade em si.

O objetivo dele [curinga] é investigar com aquele grupo, aquela plateia, o que aquelas pessoas pensam sobre aquele determinado assunto. Então ele utiliza da maiêutica, utiliza das perguntas, perguntas que instigam as pessoas. Não são quaisquer perguntas. Perguntas que façam as pessoas pensarem. Então são perguntas abertas “o que vocês acham?” Para que a pessoa possa explicar o que ela está pensando sobre aquele tema, sobre aquele assunto. Não só com a plateia, mas também com o grupo. (Flávio Sanctum)

Então, o curinga surge aqui como um facilitador que leva uma técnica que possibilita que o grupo consiga se expressar. O conteúdo da peça e o debate no fórum baseiam-se no que as pessoas pensam, no que elas acham. O que é, certamente, diametralmente oposto ao que Sócrates defendia, pelo que vimos de seu pensamento.

Na relação com o grupo, ele [o curinga] é o condutor de um processo. Acho que essa é a principal função, ele é quem conhece a metodologia. Então, o papel dele é ajudar o grupo a colocar em prática, o que ele não sabe fazer. Então, a gente pega as ideias do grupo e faz com que eles... “Ah, eu quero fazer assim.” Você é só um facilitador desse processo. É a relação direta, ajudar o grupo a saber como, o que ele quer perguntar e onde. (Cláudia Simone)

Eu acho que o curinga vai conduzir o grupo, acompanhar o grupo para que o grupo consiga a melhor forma de dizer artisticamente aquilo que ele quer dizer. O curinga tem as ferramentas para construir uma obra artística que retrate, que

discuta a realidade. Então o grupo tem a matéria da problemática. Então, como que o grupo vai chegar até esse produto artístico. É o curinga que vai conduzir o grupo nesse caminho. (Flavio Sanctum)

Assim, os curingas, em geral, afirmaram a importância de o curinga levar informações sobre o mundo ao redor, materiais de consulta (jornais, leis, peças artísticas) e não ficar só com as questões do grupo. Mas, consideram também que as técnicas do Teatro do Oprimido foram constituídas de tal forma que a reflexão pode acontecer baseando-se apenas nas ideias, nos pensamentos dos integrantes do grupo e da plateia. No entanto, alguns curingas ressaltaram também que os conhecimentos de outros campos do saber – história, filosofia, economia, biologia, ciência política, etc – fazem parte orgânica do Teatro do Oprimido e inclusive estão registradas no chão que alimenta a árvore do Teatro do Oprimido<sup>3</sup>.

Se você pegar a árvore do Teatro do Oprimido esses conhecimentos estão dados ali, eles estão, eles fazem parte, eles não são do Teatro do Oprimido mas eles fazem parte da construção da metodologia do Teatro do Oprimido. Então eu não vejo eles como outra coisa. Uma coisa isolada, uma coisa extra, na verdade eles fazem parte do próprio... Então, como você perguntou, se você quer ser um bom curinga você tem que saber isso. Isso deve fazer parte da raiz do curinga. E eu sempre costumo estimular. (Geo Britto)

Mesmo ficando claro que todos os curingas concordam que os conhecimentos gerados em outros campos são essenciais ao Teatro do Oprimido, não apareceu, em nenhum depoimento, em quais situações esses conhecimentos participam das ações do Teatro do Oprimido. Em alguns casos, pareceu que esses conhecimentos devem participar das oficinas e ensaios como elementos da formação humana dos integrantes, atuando o curinga também como a responsabilidade de um educador popular que estimula e leva materiais que, por si, o grupo não acessaria. Em outros casos, pareceu que esses conhecimentos devem fazer parte da formação curinga para que ele esteja mais bem preparado para as sessões de Teatro-Fórum, situando-se melhor no que é levantado pela plateia.

Além do conhecimento do Teatro do Oprimido, ele [o curinga/multiplicador] tem que ter conhecimento da área onde ele vai atuar. [...] O multiplicador, ele tem que

---

<sup>3</sup> Está árvore é uma representação gráfica da história e técnicas do TO e pode ser observada no anexo II.

ler, ele tem que saber do tema. Porque tem leis que embasam, têm teorias, teorias opostas. Então para você ter uma boa discussão no Fórum você também tem que se formar. O multiplicador e o curinga são eternos estudiosos. Porque, senão, você fica vendido diante de uma plateia. E, afinal de contas, você tem o interesse sincero de discutir aquele tema. [...] Cuidado para não a gente não querer ser didático durante o fórum, ficar querendo dar aula de conhecimento sobre o tema. Mas é para você, por exemplo, “Eu sei do que o cara lá está dizendo sobre teoria do embranquecimento. Eu sei do que ele está falando. Ah, aquele falou de democracia racial, eu também sei, porque eu já li esse e esse artigo” Você deve estar consciente e ciente de tudo que envolve esse tema. Tudo não, né? Uma boa parte. (Claudia Simone)

O próprio Boal escreveu sobre isso, ele diz que quanto mais o curinga, e o multiplicador, quanto mais conhecimento diverso ele tem, melhor. Porque você vai as vezes travar um debate, analisar uma cena com a plateia que é sobre violência doméstica, e as vezes você se depara com alguém levantando uma questão que é de preconceito racial ou que é uma questão de desemprego. [...] Se você vai para uma cena de violência doméstica, o curinga ou o multiplicador, quem está curingando o grupo, é muito bom se souber que tem a Lei Maria da Penha. Lerem a Lei Maria da Penha, debaterem antes de irem fazer a primeira apresentação. [...] Quer dizer, se o curinga conhece isso ele vai facilitar um debate mais rico, quanto mais a pessoa conhece aquilo. Claro, o fundamental é conhecer o tema da cena. (Olivar Bendelack)

Da análise das falas sobre a busca e produção de conhecimento no TO podemos perceber que há uma valorização da investigação sobre o tema da peça, considerando-se que também é interessante que se estude outros assuntos. No entanto, a investigação da questão da peça não precisa, necessariamente, basear-se na análise de outras fontes ou do próprio tema, pois pode basear-se no que as pessoas sabem ou pensam sobre aquele objeto. Assim, o curinga não precisa, inevitavelmente, conhecer profundamente o tema, pois as técnicas do TO possibilitarão a reflexão a partir do diálogo baseado na relação “eu-tu”.

Um outro aspecto interessante expressa nas entrevistas é o que cada curinga considera como as “outras fontes” que devem ser buscadas. Na fala de Olivar, que é o responsável pelo Teatro Legislativo no CTO, fica claro que o que ele está apontando como conhecimentos necessários ao trabalho do curinga é o estudo das leis.

Se é violência doméstica, vamos estudar a lei Maria da Penha. Se é preconceito racial, vamos estudar a lei tornou crime o preconceito racial. Vamos estudar agora o estatuto da igualdade racial, que é recente e tem várias questões sendo colocadas. A nossa cena é sobre o preconceito racial, temos que estudar o estatuto da igualdade racial. A cena é sobre violência contra os homossexuais, preconceito contra os homossexuais, vamos estudar o projeto de lei que torna a homofobia crime e está no Congresso parado, porque não é votado porque não tem interesse. (Olivar Bendelack)

Já a Helen aponta para uma investigação empírica do problema: “Ele tem que ir lá: ‘\_O esgoto está passando na rua? Onde? Aqui na frente? Porque esse esgoto incomoda tanto as pessoas?’”. Para ela o curinga precisa ir conhecer concretamente o problema do qual as pessoas estão reclamando. Alessandro, por sua vez, aponta mais para o acesso a informações, principalmente através dos meios de comunicação: “Você está sempre fomentando, sempre trazendo coisas novas, mesmo uma notícia de jornal, seja um tema que é pertinente ao grupo e que, de repente, entrou em voga na mídia, ou algo que estava esquecido”. Para Geo e Monique o curinga deve buscar formar-se de uma forma mais ampla, buscar um embasamento teórico que o possibilite desenvolver um posicionamento político-ideológico coerente e ético. Cláudia também aponta para um estudo amplo, mas o objetivo principal é conhecer teorias diversas para estar sempre situado no debate. Flávio coloca que é interessante que os curingas busquem conhecimentos fazendo curso de diversas áreas:

Seria bom que a pessoa fizesse um curso de teatro, por exemplo, um curso ou de ator, ou de direção, seria muito interessante que ele fizesse um curso de política, de filosofia, seria bom que ele fizesse um curso de artes plásticas, para saber mexer com tinta... Na verdade ela podia saber fazer tudo. Quanto mais coisa a pessoa aprende eu acho que mais ela pode enriquecer o trabalho de Teatro do Oprimido dela.

Claudete Félix aponta em um sentido próximo ao de Geo, Monique e Cláudia, da preocupação com a formação ampla do curinga, mas ela revela a necessidade do curinga ampliar sua capacidade de compreensão, de interpretação. Ele deve conhecer as leis, o tema, mas deve preocupar-se com a habilidade de elaboração de textos, de sentido a partir das palavras. Tanto para contribuir na produção da peça de Teatro-Fórum (que como qualquer peça deve ter sua versão escrita), quanto para compreender melhor os textos que acessa.

Por fim, percebo que em todos os casos há uma valorização de que o curinga investigue o tema seriamente, inclusive a partir de outras fontes (embora não seja imprescindível).